

# **OS ALDEAMENTOS INDÍGENAS EM SÃO PAULO E O CASAMENTO: ANÁLISE DE DADOS REPRODUTIVOS (1732-1830)**

Márcio Marchioro<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo procura analisar os dados referentes às aldeias missionárias paulistas no século XVIII e início do XIX a respeito do casamento. O objetivo principal é tecer algumas hipóteses por meio dos dados referentes à: a) diferença entre a idade do marido e da mulher; b) da idade ao casar; c) idade em que a mulher tem o primeiro filhos. Para isso, confrontamos listas nominativas e registro de casamentos.

**Palavras-chave:** indígenas, São Paulo, casamento

## **INDIAN VILLAGES IN SÃO PAULO AND MARRIAGE: ANALYSIS OF REPRODUCTIVE INDICES (1732-1830)**

**Abstract:** The article analyzes the data referring to the missionary villages of São Paulo in the eighteenth and early nineteenth centuries regarding marriage. The main objective is to weave some hypotheses through the data referring to: a) difference between the age of the husband and the woman; b) age at marriage; c) the age at which the woman has the first child. For this, we confront nominative lists and registration of marriages.

**Keywords:** indians; São Paulo; marriage

### **Introdução**

Neste artigo, que faz parte do desenvolvimento inicial de uma pesquisa de mestrado, procuraremos analisar dados referentes aos casamentos dos índios nas aldeias missionárias paulistas durante os anos de 1732 até 1830. As aldeias a serem analisadas são aquelas para as quais há documentação disponível publicadas em uma série de listas nominativas. São elas: Itaquaquecetuba, Embu, Itapeçerica, Barueri, Peruíbe, Escada e Pinheiros. Procuramos dividir nosso trabalho em três seções, conforme a problemática

---

<sup>1</sup> Graduado e Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

estabelecida nas fontes que aqui utilizamos: listas nominativas e registros de casamentos.<sup>2</sup>

A primeira problemática a ser destrinchada se refere à questão da diferença de idade entre o marido e a mulher que será analisada na primeira seção deste artigo. Nossos objetivos são buscar na análise das fontes algumas similaridades entre as aldeias e também distinções. Observaremos que há uma tendência de os casamentos entre mulheres e homens alarguem a diferença de idade conforme o avanço da idade do homem, sobretudo, homens acima de 60 anos estão casados com mulheres de cerca de 20 anos mais jovem que eles em várias aldeias. Isso nos mostra possibilidade de recasamentos, tendo em vista uma reabertura do “mercado matrimonial”, ocasionada, provavelmente, pela maior mortandade de homens.

No segundo subitem deste trabalho, versaremos sobre a idade ao casar na aldeia de Itapeçerica. Por meio do confronto das listas nominativas e dos registros de casamentos, conseguimos localizar 23 casos. Nestes casos, conseguimos traçar a trajetória do casal e, com isso, nos possibilitou calcular a idade tanto em que o homem e a mulher casavam e fazer as devidas ponderações médias. A partir disso, conseguimos identificar tendências que homens casavam geralmente entre os 18 e os 25 anos enquanto as mulheres até os 21 anos de idade. Dado que reafirmará hipóteses relacionadas à manutenção de uma diferença significativa entre a idade do homem da mulher ao longo da vida preservada em casamentos de homens com mais de 60 anos de idade, por exemplo, em que esta diferença aumenta. Outro dado importante que esta seção nos mostrará é que o casamento vinha normalmente seguido de filhos quase que imediatamente.

---

<sup>2</sup> Fontes utilizadas: ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (BDAESP). São Paulo: Secretaria da Educação, Maço 2, Volume 5, 1945. \_\_\_\_\_. Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (BDAESP). São Paulo: Secretaria da Educação, Maço 2, Volume 7, 1947. \_\_\_\_\_. Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo (BDAESP). São Paulo: Secretaria da Educação, Maço 2, Volume 8, 1948. LIVRO DE CASAMENTOS DA PARÓQUIA DE ITAPEÇERICA (1732-1830). São Paulo: Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva da Arquidiocese de São Paulo. Estante 10, Prateleira 02, Livro de nº 49.

Por fim, na última seção analisaremos a idade em que a mulher tem seu primeiro filho para tentar dar conta da hipótese de que o casamento vinha seguido de filhos. Mesmo tendo em vista que muitas mulheres perdiam seus primeiros filhos e não havia o registro, nesta seção, procuraremos por meio das listas nominativas localizar as mães com menos de 30 anos de idade e calcular a idade em que tinha o primeiro filho. Os dados são importantes para analisar taxas de fertilidade quem podem ser discutidas na comparação entre as aldeias paulistas.

### **1. As aldeias paulistas: um breve panorama histórico**

Como podemos identificar na tabela abaixo uma predominância na administração religiosa das aldeias dos padres jesuítas até a extensão do Diretório para todo território luso na América. Além disso, os capuchinhos também aparecem como uma ordem bastante significativa no que diz respeito ao comando espiritual das aldeias. Passamos agora a fazer um panorama mais específico das principais das aldeias paulistas aqui tratadas.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

<b>Tabela com dados referentes à fundação e a administração religiosa das aldeias paulistas</b>				
<b>Aldeia</b>	<b>Fundação</b>	<b>Ordem inicial</b>	<b>Ordem posterior</b>	<b>Ano da mudança</b>
Barueri	princípios do XVII	variado - Padroado Real	Carmelitas	1698
Carapicuíba	quinhentista	Jesuíta	Jesuíta	
Embu	princípios do XVII	Jesuíta	Jesuíta	
Escada	princípios do XVII	variado - Padroado Real	Capuchos	1735
Guarulhos	década 1590	variado - Padroado Real		
Itapecerica	1700	Jesuíta	Jesuíta	
Itaquaquecetuba	1624	Jesuíta	Jesuíta	
Peruíbe	quinhentista	variado - Padroado Real	Capuchos	1692
Pinheiros	quinhentista	variado - Padroado Real	Benedictinos	1698
Queluz	1790			
São José	s/informação	Jesuíta	Jesuíta	
São Miguel	quinhentista	variado - Padroado Real	Capuchos	1698

Fontes: MONTEIRO, John Manuel. 1995. *Negros da Terra*. São Paulo: Companhia das Letras. PETRONE, Pasquale. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo: EDUSP, 1995. Obs.: Após o Diretório da década de 1750, as aldeias ficaram a cargo, em sua maioria, de padres regulares não vinculados a nenhuma ordem religiosa.

A aldeia quinhentista denominada Uraraí comandada pelo índio Piquerobi que seria irmão do lendário Tibiriça deu origem a São Miguel.<sup>3</sup> A aldeia de São Miguel foi fundada por volta de 1580 graças a uma doação de terras – em torno de 1100 km<sup>2</sup> – as quais não correspondiam em valores aproximados o que se tinha para ocupações pré-colombianas, ou seja, os aldeamentos reduziam bastante os espaços de convivência indígena, alterando padrões culturais.<sup>4</sup> Na aldeia de São Miguel, ainda no século XVII, os colonos tentavam impedir os índios de utilizar as terras. Além de enviarem animais para comer as sementes e as plantações dos índios, alguns colonos avançavam nas terras indígenas para fazerem suas roças.<sup>5</sup> O aldeamento de Pinheiros, atualmente um bairro importante da capital paulista, assim como o aldeamento de São Miguel, também foi fundado na década de 1580 por meio da doação de terras feita pelo capitão-mor de São Vicente. A extensão territorial doada

<sup>3</sup> MONTEIRO, John. *Negros da Terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 22.

<sup>4</sup> Ibid., p. 44-5.

<sup>5</sup> Ibid., p. 203.

alterava sobremaneira os regimes culturais indígenas, pois demonstrava-se um espaço bem mais reduzido dos que eram ocupados no sertão.<sup>6</sup>

A aldeia de Carapicuíba, por sua vez, foi fundada por meio de um desmembramento da aldeia de Barueri. O Colégio jesuíta de São Paulo recebeu terras na região de doação de Fernão Dias e Catarina Camargo onde existiam seiscentos escravos Guarani trazidos do Brasil meridional.<sup>7</sup> Barueri teria sido fundada em 1609 para dar abrigo aos índios vindos de uma expedição comandada por Afonso Gago em direção ao Sertão dos Patos. Trouxeram cerca de 1.500 índios de origem Guarani que, além de iniciarem a aldeia de Barueri, os demais foram repartidos para outras aldeias da região.<sup>8</sup>

Barueri foi alvo de vários conflitos ao longo do século XVII. Em 1612, os colonos queriam expulsar os jesuítas da localidade, pois reclamavam muito que os padres não forneciam os índios que os colonos demandavam para trabalho livre. Por volta de 1632 a revolta dos colonos tomou grandes proporções e liderados pelo sertanista Antônio Raposo Tavares houve realmente a retirada a força dos jesuítas da aldeia. Muitos atribuem esse conflito inicial com os jesuítas que se estabeleciam na capitania com a posterior invasão das missões no Guairá.<sup>9</sup>

O conflito em Barueri tinha muito a ver com a questão do monopólio das terras da região que os jesuítas controlavam. Barueri ficava perto de bairros paulistanos de Cotia, Quitaúna e Carapicuíba, numa zona onde se predominavam o plantio do trigo. Além disso, Barueri também fica próximo a vila de Santana de Parnaíba. Ao controlarem boa parte da mão de obra disponível na região, cerca de mil e quinhentos índios, os padres arranjaram muitos conflitos. Para pior a situação o Colégio dos jesuítas recebe na região duas doações de terras importantes de família paulistanas, ambas como muitos

---

<sup>6</sup> Ibid., p. 44-5.

<sup>7</sup> Ibid., p. 143.

<sup>8</sup> Ibid., p. 117.

<sup>9</sup> Ibid., p. 142.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

escravos da etnia Guarulho e Guarani. Essas terras vão se tornar posteriormente os aldeamentos de Embu e Carapicuíba.<sup>10</sup>

O conflito judicial em Barueri ocorreu principalmente por a aldeia ter se originado na década de 1600 de uma doação feita por Francisco de Souza. Quanto este morreu, seus herdeiros quiseram questionar a posse dos jesuítas da localidade em ações que correram na justiça da Câmara de São Paulo. Todos queriam as terras da região: a Câmara, os jesuítas e os herdeiros. Os moradores questionavam a presença dos padres na localidade, pois segundo constava Francisco de Souza havia deixado explicitamente que quem detinha a jurisdição da localidade seria a Câmara. Após a expulsão dos jesuítas a força pela população, a Câmara tomou para si o controle do aldeamento e foram criados as chamadas “aldeias reais” que fazia com que variados padres de diversas origens – alguns de ordens outros regulares – tomassem conta da aldeia.<sup>11</sup>

Com a fundação das vilas de Mogi das Cruzes e Santana do Parnaíba, no início do século XVII, deu-se também a fundação da aldeia Nossa Senhora de Escada. Sua fundação é objeto de discussão e existem duas versões. A primeira conta que o próprio capitão-mor da vila de Mogi teria instituído a aldeia. A segunda versão conta que os próprios índios da circunvizinhança fundaram a aldeia.

A aldeia de Embu também surgiu de um de um desmembramento da aldeia de Barueri em terras doadas anteriormente pela família paulistana de Afonso Sardinha que faziam parte da fazenda Nossa Senhora da Graça e era composta por vários escravos sobretudo da etnia Guarulho, mas também de outros povos indígenas.

A fundação do aldeamento de Itapecerica no entorno da cidade de São Paulo gera uma série de discordâncias. Durante os 70 anos iniciais de administração dos jesuítas foram produzidos poucos documentos sobre a

---

<sup>10</sup> Ibid., p. 143.

<sup>11</sup> Ibid., p. 144.

aldeia missionária. Sua data de fundação mais provável é 1689.<sup>12</sup> O aldeamento sempre manteve um vínculo forte com a aldeia de Carapicuíba e a de Embu.<sup>13</sup> Não só Itapecerica, mas também a aldeia missionária de São José teriam sido formadas com índios de Carapicuíba. O aldeamento de Carapicuíba tinha atingido seu limite máximo de expansão e já não havia mais lugar para todas as famílias que ali residiam. Assim alguns índios foram transmigrados para novo terreno e, por isso, há uma manutenção de um vínculo histórico e de aliança com a aldeia de Carapicuíba.<sup>14</sup>

Nos primeiros 50 anos do século XVIII a aldeia tinha uma administração jesuítica que era muitas vezes compartilhada com a aldeia de Embu. O padre Belchior Pontes – talvez o mais conhecido dos jesuítas que administraram Itapecerica –, teria relatado que uma semana ele passava na aldeia de Embu e na outra em Itapecerica, além de atender também os colonos localizados no entorno dos aldeamentos.<sup>15</sup> Em alguns momentos específicos, no entanto, Itapecerica esteve sobre administração jesuítica autônoma.

Como Itapecerica era um desmembramento da aldeia de Carapicuíba é muito provável que a formação étnica do aldeamento seja a mesma. No princípio as etnias fundadoras de Carapicuíba seriam os Guaianá (Kaingang) e os Goaramim.<sup>16</sup> Uma das principais funções de Itapecerica seria de abastecimento do Colégio Jesuítico de São Paulo e de realizar expedições sertão adentro em busca de novos índios. Foi assim que além dos Guaianá muitos índios Guarani foram incorporados ao aldeamento em princípios do século XVIII.<sup>17</sup>

Durante a administração dos jesuítas que durou até fins da década de 1750, os índios eram considerados quase escravos, pois eram açoitados quando desobedeciam aos padres e só podiam sair do aldeamento com

---

<sup>12</sup>CORRÊA, Dora Shellard. *O aldeamento de Itapecerica: de fins do século XVII a 1828*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1999, p. 38.

<sup>13</sup> Ibid., p. 39.

<sup>14</sup> Ibid., p. 42.

<sup>15</sup> Ibid., p. 46.

<sup>16</sup> Ibid., p. 48.

<sup>17</sup> Ibid., p. 51-2.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

autorização de trabalho, ou seja, não tinham nenhuma liberdade.<sup>18</sup> Por outro lado, os jesuítas estimulavam muito que índios das aldeias dirigidas pela Câmara de São Paulo adentrassem Itapecerica, Embu e Carapicuíba e, além disso, incentivavam que índios administrados fugissem para as aldeias.<sup>19</sup>

A partir de 1759 os jesuítas são obrigados a deixarem os territórios portugueses e, com isso, a administração das aldeias passa a ser executada por um diretor civil nomeado, na maioria das vezes, sem qualquer influência dos índios.<sup>20</sup> As aldeias passam a ser vistas como um lugar de mão-de-obra disponível para os colonos e muito índios são tirados delas. Muitos colonos tentam casar os índios com escravas no objetivo de mantê-los presos ao trabalho. As reclamações de esvaziamento das aldeias começam a ser constante. Muito índios são retirados de Itapecerica para servir fazendeiros da região de Itu e Sorocaba.<sup>21</sup> Itapecerica passou a ser uma aldeia de predomínio feminino como era típico das aldeias administradas pelo governo português.

Com a aplicação do Diretório estendido para todo o Brasil, a tão propalada liberdade dos índios nunca veio, pois em Itapecerica há relatos de que os aldeados continuavam a sofrer castigos físicos principalmente quando se ausentavam sem autorização.<sup>22</sup> O Diretório é revogado em 1798 e os índios passaram a ser reconhecidos como súditos com plenas capacidades da Coroa portuguesa. No entanto, isso só causou mais dispersão e com o fim do cargo de diretor das aldeias os índios foram abandonados e ficaram por conta própria, sem intermediação nenhuma.<sup>23</sup> Em 1802, Itapecerica e Embu se ligam novamente a Carapicuíba em um projeto de tornar as aldeias freguesias na tentativa de mestiçar os índios com os colonos.<sup>24</sup> Durante três décadas a documentação é bem esparsa, mas sabe-se que muito índios ali

---

<sup>18</sup> Ibid., p. 56. Ver também: PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 115-32.

<sup>19</sup> Ibid., p. 57.

<sup>20</sup> Ibid., p. 59.

<sup>21</sup> Ibid., p. 60.

<sup>22</sup> Ibid., p. 71.

<sup>23</sup> Ibid., p. 74.

<sup>24</sup> Ibid., p. 75.

permaneceram. Em 1828, Itapecerica começa a ser habitada por alemães o que é bem perceptível na documentação paroquial previamente analisada por nós.<sup>25</sup>

Quanto a fundação do aldeamento de Guarulhos, Petrone considera a data de 1580 a mais provável.<sup>26</sup> No entanto, sua inauguração oficial só ocorre em 1595, sendo que só a partir do século XVII que começam a aparecer documentações mais consideráveis sobre a localidade. No aldeamento de Guarulhos houve uma revolta indígena de pequenas proporções. Como já diz o próprio nome da aldeia, ali moravam muito índios da etnia Guarulho que atacaram e mataram João Sutil de Oliveira e sua mulher Maria Ribeiro. Segundo consta, os dois haviam se apropriado de terras dos índios e conduzido vários índios a sua fazenda. Muitos desses índios tinham vindo recentemente do sertão, sobretudo aqueles que participaram mais diretamente da revolta em Guarulhos.

Já em relação à Pinheiros temos poucas referências sobre sua fundação, mas sabemos que também ocorre no século XVI, por meio de um desmembramento da aldeia de Guarulhos. Somente em 1698 foi passada para a administração dos padres beneditinos.<sup>27</sup> Provavelmente Pinheiros abrigou em seu interior índios Guarulho, também chamados de Marueri.<sup>28</sup>

A aldeia de N. S. da Ajuda de Itaquaquecetuba, teria se formado a partir da fundação de uma capela, na década de 1620, por um padre secular que administrava índios. Posteriormente, os jesuítas passam a administrá-la.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> MARCHIORO, Márcio. Casamentos indígenas: estratégias matrimoniais na aldeia de Itapecerica (século XVIII e início do século XIX). In: *XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA*, Curitiba. Anais eletrônicos do XV Encontro Regional de História, Curitiba, 2016. Disponível em <[http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468842411\\_ARQUIVO\\_CasamentosindigenasestrategiasmatrimoniaisnaaldeiadeItapecerica\(seculoXVIIIeiniciodoseculoXIX\).pdf](http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468842411_ARQUIVO_CasamentosindigenasestrategiasmatrimoniaisnaaldeiadeItapecerica(seculoXVIIIeiniciodoseculoXIX).pdf)> acessado em: 24\11\2016.

<sup>26</sup> PETRONE, Pasquale. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 119.

<sup>27</sup> SERAFIM LEITE, S. I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, VI, p. 231.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 231-2.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 362-363.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

Quanto a fundação da aldeia de Peruíbe, que remete aos princípios do século XVII, a situação é ainda mais confusa. Segundo Serafim Leite, é provável que ela se formou a partir da junção de uma pequena aldeia em Itanhaém e a duas aldeias pequenas ligadas ao núcleo da vila de Santos (1619). Peruíbe, portanto, passaria a ser a única aldeia localizada no litoral paulistas.<sup>30</sup>

Feito esse panorama inicial e breve das principais aldeias paulistas que serão analisadas neste artigo, passamos a tratar da problematização de dados sobre o casamento nessas aldeias. Damos aqui um enfoque principal a aldeia de Itapecerica por se tratar nosso principal objetivo no trabalho que estamos desenvolvendo em nossa dissertação.

### **2. Diferença entre a idade do marido e da mulher**

Os aldeados homens eram, normalmente, mais recrutados para trabalhos fora dos aldeamentos.<sup>31</sup> As mulheres, com isso, ficavam mais fixas ao aldeamento, pois a tarefa exigida dos aldeados homens normalmente era penosa. Os homens participavam da conquista do sertão. Investigar a diferença de idade entre marido e mulher é chave para visualizar como era afetado pelas condições geográficas e sociais da aldeia o sistema de casamento. A particularidade de cada fronteira onde está estabelecido o aldeamento, nesse sentido, determina em grande medida como se estabelecem os casamentos. Cabe ponderar, no entanto, neste artigo ficaremos ainda em hipóteses iniciais sobre os dados sem o necessário confronto com dados a respeito da trajetória de cada aldeamento. Para isso, teremos em vista que a estrutura social do aldeamento varia conforme suas demandas externas e internas, sobretudo o recrutamento de homens para trabalhar sertão adentro.

Para essa finalidade analisaremos dados referentes à questão da diferença de idade entre o marido e a mulher, utilizamos as listas nominativas

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 362-363.

<sup>31</sup> MARCHIORO, Marcio. O banquete da onça mansa: fluxos internos e externos da população indígena aldeada (São Paulo, 1798-1803). In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, número 3, Florianópolis. Anais Eletrônicos do III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis, 2007, s/n.

Os aldeamentos indígenas em São Paulo e o casamento: análise de dados reprodutivos (1732-1830)

Márcio Marchioro

publicadas pelo *Boletim do Arquivo do Estado de São Paulo* que percorrem os anos 1798 até 1803. Para determinar a faixa etária a qual classificariamos determinado casal, consideramos as idades dos homens. O método de utilizar a média nos pareceu mais adequado, no entanto, temos em vista que média congrega uma série de diversidades, principalmente quando ela é mais elevada. Porém, achamos que o método é válido para identificar padrões entre os aldeamentos, assim como variações entre eles. Através desse método a tabela 1 abaixo foi construída congregando os seguintes dados: a média de diferença de idades e o número de casos.

Antes de partirmos para análise da tabela, vale a pena fazer algumas ressalvas. Temos em vista que, no passado, as idades arroladas em listas nominativas eram calculadas em geral mantendo algum desvio facilmente percebido nas nossas próprias listas.<sup>32</sup> As idades que terminam em 5 (5, 15, 25, 35...) e as que terminam em 0 (10, 20, 30...) estão diferentemente representadas em relação às outras. Ambas são bem mais numerosas, por isso podemos supor que devem ter ocorrido arredondamentos das idades nas listas nominativas.

<b>Tabela 1: Diferença média entre as idades dos cônjuges de acordo com as idades dos maridos e com o sexo do cônjuge mais velho (1798-1803)</b>				
<b>Itaquaquecetuba (1798)</b>				
<b>Faixas etárias dos homens</b>	<b>Diferença média/ Homens mais velhos</b>	<b>Diferença média/ Mulheres mais velhas</b>	<b>Nº de casos homens</b>	<b>Nº de casos mulheres</b>
20 a 29 anos	5,83	9	6	1
30 a 39 anos	8		4	
40 a 49 anos	10,22	4	9	1
50 a 59 anos	13	8	5	1
60 anos ou +	24,16	23	6	1
<b>Peruíbe (1802)</b>				
<b>Faixas etárias dos homens</b>	<b>Diferença média/ Homens mais velhos</b>	<b>Diferença média/ Mulheres mais velhas</b>	<b>Nº de casos homens</b>	<b>Nº de casos mulheres</b>
20 a 29 anos	3,16		6	0

<sup>32</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: Edusp, 1984, p. 186.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

30 a 39 anos	8,16		6	0
40 a 49 anos	6	1	3	1
50 a 59 anos			0	0
60 anos ou +		1	0	1
<b>Embu (1802)</b>				
<b>Faixas etárias dos homens</b>	<b>Diferença média/ Homens mais velhos</b>	<b>Diferença média/ Mulheres mais velhas</b>	<b>Nº de casos homens</b>	<b>Nº de casos mulheres</b>
> 20 anos	2	2	2	1
20 a 29 anos	3,42	1,66	7	3
30 a 39 anos	3,71	3,5	7	2
40 a 49 anos	12,33	4	9	1
50 a 59 anos	9,6		5	0
60 anos ou +	20,33		9	0
<b>Escada (1802)</b>				
<b>Faixas etárias dos homens</b>	<b>Diferença média/ Homens mais velhos</b>	<b>Diferença média/ Mulheres mais velhas</b>	<b>Nº de casos homens</b>	<b>Nº de casos mulheres</b>
> 20 anos		18	0	1
20 a 29 anos	2,83		6	0
30 a 39 anos	5,4	2,33	5	3
40 a 49 anos	13,75	14,5	4	2
50 a 59 anos	6		1	0
60 anos ou +	25,5		2	0
<b>Pinheiros (1802)</b>				
<b>Faixas etárias dos homens</b>	<b>Diferença média/ Homens mais velhos</b>	<b>Diferença média/ Mulheres mais velhas</b>	<b>Nº de casos homens</b>	<b>Nº de casos mulheres</b>
20 a 29 anos		2	0	1
30 a 39 anos	4	11	1	1
40 a 49 anos			0	0
50 a 59 anos	15		4	0
60 anos ou +	6		1	0
<b>Barueri (1803)</b>				
<b>Faixas etárias dos homens</b>	<b>Diferença média/ Homens mais velhos</b>	<b>Diferença média/ Mulheres mais velhas</b>	<b>Nº de casos homens</b>	<b>Nº de casos mulheres</b>
20 a 29 anos	3,37	4,75	8	4
30 a 39 anos	6,64	6,6	14	5
40 a 49 anos	7,7	1,66	10	3
50 a 59 anos	12,42		7	0
60 anos ou +	25,33	7	9	2
<b>Itapecerica (1802)</b>				
<b>20 a 29 anos</b>	<b>2,7</b>	<b>8,3</b>	<b>10</b>	<b>4</b>
<b>30 a 39 anos</b>		<b>8</b>		<b>1</b>
<b>40 a 49 anos</b>	<b>6,6</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>1</b>
<b>50 a 59 anos</b>	<b>5,7</b>		<b>3</b>	<b>0</b>
<b>60 anos ou +</b>	<b>22,8</b>		<b>10</b>	<b>0</b>

Fonte: Do autor. Grifo nosso.

Tendo em vista a tabela 1 acima, o que primeiro aos nossos olhos deve ser analisado é, certamente, os dados referentes aos homens com mais de 60 anos nas aldeias de Itaquaquecetuba, Embu, Escada Itapeceira e Barueri. Todas as respectivas aldeias apresentam uma média de mais de 20 anos de diferença entre homem e mulher na casa dos 60 anos, considerando-se a faixa etária dos homens, como já enfatizamos. O número de casos só não é expressivo em uma das cinco aldeias: Escada que tem apenas dois casos que perfazem uma média de 25,5 anos de diferença do homem para a mulher. Por meio desses casos, podemos identificar uma série de fenômenos. São possibilidades de recasamento, provavelmente, aberta para homens que tem mais idade. O fato de estarmos estudando uma sociedade na qual os homens partiam para trabalhos árduos sertão adentro, faz com que o número de mulheres mais jovens disponíveis para recasamento de viúvos seja grande.

O número de viúvas mulheres é sempre muito mais alto em todas as aldeias que o número de homens viúvos.<sup>33</sup> Se olharmos com mais detalhe as listas nominativas, realizadas entre 1798 e 1803, podemos acompanhar que Itapeceira e Barueri têm número de viúvos homens significativo em relação à população geral: mais ou menos um quarto do total de viúvos; somados homens e mulheres. E é justamente nessas aldeias que encontramos uma diferença entre mulher mais velha e homens mais novos quando o homem está na casa dos 20 anos de idade até os 29 anos. Sobretudo Barueri, podemos identificar a existência de casamentos de homens com mulheres em média de 4 anos ou 6 anos aproximadamente de diferença. É algo muito curioso que pode indicar preferência das mulheres em procurarem homens mais velhos. Isso indica também dificuldades dos homens jovem de casar em arranjar um casamento, ou seja, os homens tendiam a casar já na maturidade. Essa tendência vai aparecer mais nítida ao leitor na seção seguinte a essa, o subitem

---

<sup>33</sup> O número de viúvas mais alto deve-se a uma série de fatores dentre eles a diferença de idade dos nubentes – normalmente homens mais velhos –, o fato de os homens terem mais participação em trabalhos insalubres sertão adentro e pode colaborar para isso o fato de serem os homens quem participam ativamente das guerras coloniais, tanto entre os índios como no caso dos colonos.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

nº. 2, justamente sobre idade ao casar. Por enquanto fica essa hipótese: mulheres tendem a preferir casamentos com homens mais velhos, talvez recorrendo aos solteiros mais novos, caso não houvesse parceiros mais velhos a contento.

Entretanto, vale ressaltar que existem diversidades nesse quesito. Não são apenas casos que variam do padrão que estabelecemos aqui: Pinheiros, Peruíbe e Escada. Existem também médias que variam bastante de um aldeamento para o outro. A mais constante parece ser aquela apresentada anteriormente relativa aos homens na casa dos 60 anos nas quatro citadas (Barueri, Itapecerica, Itaquaquecetuba e Embu). Vemos, por exemplo, que há uma variação grande ao comparar Itaquaquecetuba com Embu na faixa etária dos homens casados com mulheres mais novas de 20 anos aos 29 anos e na casa dos 30 anos aos 39 anos. Itaquaquecetuba possui médias mais robustas que Embu na casa dos 5 anos de diferença e dos 8 anos de diferença respectivamente. Embu, por sua vez, tem homens casados com mulheres mais velhas menores de 20 anos de idade e possui média de 3 anos de diferença nas casas supracitadas. Além disso, Itaquaquecetuba e Embu variam na diferença de idade na casa dos 60 anos ou mais por cinco pontos praticamente (média de 24,16 anos e 21,33 respectivamente).

Ao voltar nossa análise, novamente, para Barueri e Itapecerica, vemos também alguns fatos relevantes a serem considerados. Itapecerica não possui homens casados na casa dos 30 anos aos 39 anos e tem uma média pouco superior a 2 anos na geração anterior (dos 20 anos aos 29 anos). As duas possuem 4 casos de mulheres mais velhas que os homens, considerando os homens na casa dos 20 anos de idade. No entanto, a média varia muito de uma para outra: Barueri, como se vê na tabela de nº. 1 acima, com média de 4,7 anos de diferença, enquanto Itapecerica perfaz uma média de 8,3 anos de diferença. Mais uma vez, esses dados mostram algo parecido, acontecendo nas duas aldeias, mas em diferentes proporções. No início do século XIX, Barueri era a maior aldeia paulista em população, tendo como referência os dados das listas nominativas publicadas, e estava em pleno funcionamento reprodutivo

com um número grande de crianças. Já Itapecerica, mostrava alguns sinais de decadência com número maior de viúvas e com menos crianças. Tudo isso corrobora para nossa tese de existir nas duas aldeias um interesse nítido das mulheres em casar com homens mais velhos, porém em Barueri, esse interesse diminui dada a menor mortandade de homens, possivelmente, em sua maioria, no sertão.

Por fim, dedicamos aqui algumas linhas para falar de variações, ou seja, as aldeias de Pinheiros, Escada e Peruíbe. Nem tudo é explicável pela demografia, mas cabe lembrar que ambas são as menos povoadas das sete que, aqui, analisamos nas respectivas datas das listas, como vemos na seção nº. 6 na tabela nº. 11. Em Peruíbe, temos casos expressivos somente na casa dos 20 anos de idade até os 29 anos e dos 30 anos aos 39 anos. São doze casos divididos igualmente, como notamos na tabela. A média da primeira geração considerada na tabela de Peruíbe, levando em conta os homens mais velhos que as mulheres, perfaz cerca de 3 anos de diferença, enquanto a segunda geração chega aos 8 anos de diferença. Escada é um caso à parte, pois apresenta dados parecidos com as demais aldeias, porém, na casa dos 60 anos ou mais apresenta somente dois casos o que não nos permite concluir com a precisão, que concluímos a respeito das demais aldeias, excetuando-se Peruíbe e Pinheiros.

Algumas lacunas ficam ainda mesmo com a investigação da diferença de idade entre o homem e a mulher na hora do casamento. Surge a necessidade de se investigar mais a fundo, por exemplo, a questão da idade em que a maioria dos indivíduos casava. Esses dados reforçarão ou não nossa tese inicial de que mulheres nos aldeamentos paulistas preferiam casar com homens mais velhos, só recorrendo aos mais novos, comumente, quando não encontravam parceiro nas faixas etárias mais adultas. Para isso, infelizmente, só teremos os dados de Itapecerica, como explicamos no próximo subitem.

### 3. Idade ao casar em Itapecerica

Aqui nos atemos especificamente sobre Itapecerica, pois para encontrar a idade em que homem e mulher se casavam, foi necessária uma busca tanto nas listas nominativas referentes à aldeia como nos registros de casamento encontrados na Cúria Metropolitana de São Paulo que perfazem quase um século (1732-1830). Ao analisar tais dados, procedemos da seguinte maneira: selecionamos a idade da mulher e do homem no ano da feitura da lista e diminuímos, em alguns poucos casos somamos, pela diferença encontrada entre o ano da feitura da lista e do casamento. Dessa forma, chegamos à idade estimada do casamento, é claro que há uma diferença de meses. Infelizmente, encontramos apenas 23 casais os quais se repetiam nas listas nominativas e nos casamentos. É um universo pequeno, mas que não pode ser simplesmente desprezado.

Ao considerar apenas os indivíduos não declarados como viúvos é possível ver, a partir dos dados da tabela de nº. 2 abaixo, essa permanência entre as gerações da diferença etária entre homens e mulheres ao casar, como vimos na seção nº. 1 deste artigo sobre a diferença de idade entre homem e mulher casados. São aproximadamente 5 anos de diferença em média, precisamente 4,62 anos. Essa diferença é um pouco menor que a de Sorocaba que ficava em torno de 5,3 anos.<sup>34</sup> Usamos, aqui, o caso particular de Itapecerica para podermos identificar que homens casavam, geralmente, entre os 18 e os 25 anos enquanto as mulheres, tendencialmente, até os 21 anos de idade. Não sabemos se é possível generalizar esses dados. Mas o que foi escrito na seção nº. 1 deste artigo, já nos dá algumas pistas.

Existem, além disso, casamentos com meninas antes de completarem 14 anos de idade. São quatro casos, que corresponde a 17% do total. Isso parece dar mais ênfase a nossa hipótese de que havia sim um padrão de casamento determinado entre mulher mais nova e homem alguns anos mais velhos,

---

<sup>34</sup>BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Família e sociedade em uma economia de abastecimento interno (Sorocaba, século XVIII e XIX)*. Tese (Doutorado - História). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 1994, p. 103. Bacellar traz também dados relativos a elite paulista que fica em torno de 8,2 anos de diferença e das sociedades mineiras que variam muito de 3,3 anos até 10,4 anos de diferença.

## Os aldeamentos indígenas em São Paulo e o casamento: análise de dados reprodutivos (1732-1830)

| Márcio Marchioro

conforme enfatizamos na seção sobre diferença de idade entre marido e mulher. Com o passar dos anos, como a mortandade de homens é maior e/ou quem entra no aldeamento são mulheres viúvas “apresadas” no sertão, há possibilidade de homens da casa dos 50 anos e 60 anos acima, pleitearem casamentos com mulheres 20 anos, às vezes 30 anos mais novas que eles, como transparece na seção anterior.

Ao consideramos a média de idade ao casar, tanto de homens com das mulheres, vemos índices bem interessantes. A média de Itapecerica era de 22,2 para homens e 17,5 para as mulheres. Quanto ao casamento das mulheres é o índice mais baixo que encontramos na comparação estabelecida por Bacellar, entre diversas localidades como Sorocaba, Oeste Paulista, Ubatuba, Vale do Paraíba, São Paulo, Curitiba, Paraná, Lapa e vilas mineiras.<sup>35</sup> É um índice bem díspar, quando vemos a média mínima que é na Lapa de 18,9 e a máxima 20,8. Ou seja, vemos que em Itapecerica, as mulheres casavam bem cedo, fato que também era uma verdade para os homens do aldeamento. Maria Luiza Marcílio explica esse movimento acontece pelo fato da ampla disponibilidade de terras. Casar mais cedo implica quase que necessariamente ter um local para que os nubentes possam co-residir sem depender do sogro ou do pai.<sup>36</sup> Parece que essa era a situação de Itapecerica, apesar do grande número de mortandade de homens e, conseqüentemente, o grande número de mulheres viúvas. Por hora, a tabela abaixo nos traz novos dados nesse sentido.

---

<sup>35</sup> Ibid., p. 100.

<sup>36</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. *Caiçara: terra e população – estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 150.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

<b>Faixa etária</b>	<b>Homem/nº de casos</b>	<b>Homem/(%) do total de casos</b>	<b>Mulheres/nº de casos</b>	<b>Mulheres/(%) do total de casos</b>
- 14 anos	0		4	17%
14 a 17 anos	3	13	7	31%
18 a 21 anos	9	40	7	30%
22 a 25 anos	8	35	3	13%
26 a 29 anos	1	4	2	9%
30 a 39 anos	1	4	0	
40 a 49 anos	1	4	0	
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>	<b>23</b>	<b>100</b>
<b>Médias:</b> Homens 22,20 e Mulheres 17,58				

Fonte: Do autor.

Se em outros termos, Itapecerica se aproxima muito de Sorocaba, na média de idade de casamento dos homens, a aldeia se aproxima muito de Ubatuba que tem o menor índice. Ubatuba do século XVIII e XIX perfaz uma média masculina de 21,6 de idade. A capitania de São Paulovistade um modo geral, no período de 1765-1836, perfaz uma média masculina de idade ao casar de 30,7. A média de Itapecerica que fica na casa dos 22,2, o que pode indicar que haveria espaço disponível no território da aldeia para que os novos nubentes se estabelecessem se atentamos para a sugestão de Marcílio.<sup>38</sup>

Outro indício que veremos mais à frente, que colabora para essa tese, é a da idade em que as mulheres tinham o primeiro filho. Arrolada na seção respectiva, vemos que em Itapecerica mais de 50% das mulheres tinha filhos entre os 14 e os 17 anos e 33% dos 18 aos 21 anos. Tal dado mostra que o casamento vinha seguido de um filho. É preciso investigar com mais cuidado a documentação em forma de petições e queixas, porém, pode-se pressupor que Itapecerica era uma das aldeias paulista que vivia em condições mais tranquilas em relação à terra do que exemplos como Pinheiros e Peruíbe, a serem analisados posteriormente.

Interligados, os dois primeiros subitens artigo, desse modo, servem para nos apontar alguns elementos a serem investigados mais a fundo. O

<sup>37</sup> Vale lembrar que temos 24 casos e 14 deles os casamentos se deram de 1790 até a feitura da lista (1802). Os demais casos estão distribuídos da seguinte maneira: 2 casos na década de 1760, 4 na década de 1770 e também 4 casos na década de 1780.

<sup>38</sup>MARCÍLIO, Op. cit., p. 150.

primeiro está relacionado à preferência de casamento em idade mais tenras principalmente entre as mulheres, mas os homens também, quando comparados com a sociedade colonial circundante, casavam cedo. Itapecerica, analisada aqui, mais detalhadamente neste subitem de n.º. 2, se revela uma aldeia onde os homens têm a chance de casarem cedo e, além disso, quando sobrevivem ao “moedor de carnes” do sertão, podem, ainda, pleitear casamentos com mulher bem mais jovens disponíveis graças a grande mortalidade de homens. As mulheres têm uma tendência de ficarem viúvas mais cedo e cuidarem de suas proles sozinhas em Itapecerica.

Outra questão a ser investigada, sobretudo em Barueri e Itapecerica, é uma ligação direta da disponibilidade de terras nos aldeamentos com a configuração populacional apresentada. Itapecerica apresenta sim certa decadência se compararmos com Barueri. A primeira é uma aldeia dominada por viúvas e com número de crianças escassas, enquanto Barueri apresenta amplo número de crianças e uma porcentagem de viúvas um pouco abaixo da apresentada por Itapecerica. Entretanto, na questão das terras parece que Barueri havia uma falta enquanto em Itapecerica não deveria haver muitos problemas em relação a isso, pois uma porcentagem grande das famílias optava pela agricultura.

Nesse sentido, vemos que a disponibilidade de terras não determina a estrutura social da aldeia, muito pelo contrário. O que se vê aqui é uma especificidade das demandas sociais dos índios aldeados. Barueri é uma aldeia onde a demanda feita pelo sertão de índios não interfere tanto na dinâmica da aldeia como acontece em Itapecerica. Em Barueri as crianças pequenas são em grande número, enquanto em Itapecerica, já há uma população mais jovem e adulta. Em Itapecerica, além disso, há uma preferência predominante pela agricultura, enquanto em Barueri há uma diversificação entre os que vivem de fiar, da agricultura e dos jornais. No entanto, nossas conclusões ainda são parciais e precisam ser investigadas mais a fundo, em documentação de

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

natureza diferenciada com as demandas da justiça da capitania relacionadas às aldeias.

Além da preciosidade que é a sua documentação sobre casamento, a aldeia de Itapecerica se mostra uma das principais aldeias paulista, revelando muito sobre uma possibilidade de estrutura social muito particular. Assim, em seguida, iremos direcionar nossa análise ainda em cima da questão do casamento e de como ele representava na sociedade aldeada a construção imediata de uma família. É isso que sugere nosso subitem n.º 3 sobre a idade em que a mulher tinha seu primeiro filho.

### **4. Idade em que a mulher tem o primeiro filho**

Até agora, duas hipóteses surgem como chave na interpretação dos dados referentes ao casamento em Itapecerica, os quais consistem em o mote principal deste nosso artigo. Primeiramente, levantamos a hipótese, embasada pela documentação das listas nominativas fim do século XVIII e início do século XIX, a preferência das mulheres em casar com homens mais velhos. Por segundo, estabelecemos que apesar da existência de um número grande de viúvas em Itapecerica, a aldeia ainda tinha fronteira de expansão, ou seja, de que novos casais encontrariam espaço para se estabelecerem. Com isso, queremos dizer que Itapecerica possuía lugares onde casais novos poderiam produzir seu sustento – através de roçado e caça –, e espaço para construção do seu domicílio.

Em meio a esse panorama, surgem os dados relativos à idade em que as mulheres tinham seu primeiro filho. Para obter esses dados, seguimos a metodologia a seguir. Ao levar em conta as mães com 30 anos ou menos, tentamos minimizar a hipótese de não podermos localizar o primeiro filho, pois, tendo ele idade apta para casar, o que acontecia em torno dos 15 anos, pode ser que o possível primeiro filho não esteja no domicílio. Com isso, nossa conjectura fica mais precisa. Para obter a idade na qual a mãe teve seu provável primeiro filho – abaixo explicamos essa questão do “provável” –,

Os aldeamentos indígenas em São Paulo e o casamento: análise de dados reprodutivos (1732-1830)

Márcio Marchioro

diminuímos nas listas nominativas a idade das mães com menos de 30 anos pela idade do filho mais velho encontrado no domicílio. Um cálculo bem simples que nos dá respostas importantes.

Porém, deve-se levar em conta outra questão importante. O número de crianças que não sobrevivem aos primeiros anos da infância é muito grande. Alguns dados parcos são trazidos para nós pela bibliografia. Os dados que temos são referentes apenas à Ubatuba, uma população na qual a mortandade era alta por motivos de doenças, fato que também deveria ocorrer entre os aldeados. Por isso, acho que cabe usar a localidade como uma espécie de parâmetro, para nos indicar possíveis comportamentos de mortandade. Ao calcular tal dado, Maria Luíza Marcílio diz ser praticamente impossível ter ideia da mortandade de crianças entre os 0 e 4 anos de idade, pois muitos óbitos nem eram registrados pelo fato de ser uma localidade basicamente rural e a paróquia ficar longe. Deve-se ter em conta, que muitas mães perdiam seus primeiros filhos. Já os rebentos entre os 5 anos e 9 anos de idade cerca de 41% não conseguiam atingir os 10 anos de idade.<sup>39</sup>

<b>Tabela 3: Idade calculada da mulher quando tem o primeiro filho/Número de casos conforme faixa etária acompanhado de porcentagem calculada a partir do total de casos da aldeia (1798-1803)<sup>40</sup></b>										
<b>Aldeia</b>	<b>Menos de 14 anos</b>	<b>(%)</b>	<b>14 aos 17 anos</b>	<b>(%)</b>	<b>18 aos 21 anos</b>	<b>(%)</b>	<b>22 aos 25 anos</b>	<b>(%)</b>	<b>Total de casos</b>	<b>(%) total</b>
Itaquaquecetuba	2	33,3	1	16,6	2	33,3	1	16,6	6	100
Peruíbe	0	--	1	16,6	2	33,3	3	50	6	100
Embu	3	20	4	26,6	6	40	2	13,3	15	100
Escada	0	--	8	53,3	6	40	1	6,6	15	100
Pinheiros	0	--	0	--	0	--	1	100	1	100
<b>Itapecerica</b>	<b>0</b>	<b>--</b>	<b>8</b>	<b>53,3</b>	<b>5</b>	<b>33,3</b>	<b>2</b>	<b>13,3</b>	<b>15</b>	<b>100</b>
Barueri	1	5,5	9	50	6	33,3	2	13,3	18	100
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>7,8</b>	<b>31</b>	<b>40,7</b>	<b>27</b>	<b>35,5</b>	<b>12</b>	<b>15,7</b>	<b>76</b>	<b>100</b>

Fonte: Do autor. Grifo nosso.

<sup>39</sup> MARCÍLIO, Op. cit., p. 177-8.

<sup>40</sup> Utilizamos aqui as mães com 30 anos ou menos, pois o risco do primeiro filho ter saído do fogo em motivo de dispersão ou casamento é mais difícil, mas não descartável.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

Se formos analisar a tabela de Itapecerica em destaque – encontrada na seção sobre idade ao casar – como padrão na questão da idade de casamento nos aldeamentos em geral, vemos aqui, na tabela de nº. 3 acima, novos indícios que nos trazem muitas informações importantes. Mesmo pensando o contrário, ou seja, que a tabela de Itapecerica representa apenas os dados da aldeia que as outras variam, também há fatos importantes a serem registrados aqui a partir da tabela. Como já dissemos, é provável que o casamento tenha um vínculo direto com ter filhos. Ou seja, casamento é necessariamente vinculado ao formar uma família.

As mulheres tinham os filhos, tendencialmente, entre os 14 anos e os 21 anos de idade. Estes dados batem bastante com os dados referentes à idade de casamento calculada para Itapecerica na tabela de nº. 2 no subitem nº. 2 deste artigo sobre idade ao casar acima. Assim que constituíam meios para o sustento como roças ou outras atividades o novo casal, sempre em domicílio separado dos pais, iniciava nova vida, tendo em vista, o nascimento de filhos. Isso não parecia causar grandes desequilíbrios. É incrível com os dados das três seções até aqui discutidas batem nesse sentido. Certamente, Itapecerica é um lugar onde há espaço para roças. Isso tende a mostrar a própria vocação da aldeia que obviamente só poderia ser sustentada se houvesse uma ampla frente de expansão de terras no território considerado da aldeia.

Consideramos óbvia, em acréscimo a isso, também a existência de um ciclo de vida mais ou menos padrão entre os índios aldeados que estudamos. Deveria haver certa pressão social para que o casamento se desse em tal idade e que ter filhos fosse consequência direta, e quase imediata, do casamento. São inúmeras as referências etnológicas, por exemplo, que falam do casamento cedo entre as mulheres e o pesar que é para os homens adultos ser solteiro. Além disso, a participação dos padres na intenção de regular os casamentos para que não haja incesto, poligamia e/ou concubinato também deve ser considerada.

As aldeias de Pinheiros e Peruíbe se apresentam aqui, mais uma vez, como variações perante as outras. Pinheiros, como se pode observar na tabela

de n°. 3 acima, possui apenas um caso de mãe antes dos trinta anos, sendo ela pertencente à casa dos 22 anos aos 25 anos de idade, conforme metodologia adotada e já explicada. Já Peruíbe, a título de curiosidade, tem uma situação um pouco mais distinta são 6 casos e 5 deles estão nas casas dos 18 anos até os 25 anos de idade, são 2 casos entre os 18 anos e os 21 anos e 3 casos entre os 22 anos e os 25 anos de idade.

Agora, analisando as outras cinco aldeias, vê-se, primeiramente, que Itaquaquecetuba possui dados que não permitem avançar nas conclusões. São apenas seis casos, sendo que dois deles antes dos 14 anos de idade. Dessa forma, não é possível tecer comentários conclusivos sobre Itaquaquecetuba. Fato que é curioso, se pensarmos que Itaquaquecetuba possui dados ricos no quesito já aqui analisado da diferença de idade entre nubentes, isto é, sobre casais em seus respectivos fogos, será que nesta aldeia as mães tinham filhos mais tarde ou há alguma particularidade outra? Fica difícil responder essa pergunta sem investigar a fundo a idade em que as mulheres e os homens casavam, já que esses dados só foram computados aqui para Itapecerica na seção de n°. 2 deste artigo.

No total, ao consideramos a idade do primeiro filho, vemos que se concentram nas duas casas que antes já referenciamos: a dos 14 anos aos 17 anos de idade e a dos 18 anos até os 21 anos de idade. As aldeias de Escada, Itapecerica e Barueri têm porcentagem de mais de 50% dos casos localizados na casa dos 18 anos até os 21 anos de idade. Ou seja, a tendência mais comum nessas três localidades é que mulheres tenham seu primeiro filho aos 14 anos até os 17 anos. As médias se mantêm altas na casa dos 18 anos aos 21 anos também; em torno de 30% dos casos de mães com filhos. A única variação é Embu que possui três mulheres que tiveram filhos com menos de 14 anos, perfazendo um total de 20% dos casos. Mesmo assim, Embu é a única aldeia onde a maioria dos casos fica na casa dos 18 anos aos 21 anos girando em torno de 40% dos casos.

## DOSSIÊ HISTÓRIA DA FAMÍLIA: O ESTADO DA QUESTÃO

<b>Tabela 4: Média de idade da mulher quando tem o primeiro filho</b>	
<b>Aldeia</b>	<b>Média</b>
Itaquaquetuba	16,5
Peruíbe	20,6
Barueri	18,4
Embu	17,3
Escada	17,6
<b>Itapecerica</b>	<b>17,6</b>
Pinheiros	23

Fonte: Do autor. Grifo nosso.

Outro dado que nos ajuda a analisar melhor a questão de quando as mulheres têm o seu primeiro filho é a média de idade. Tendo em vista que para chegamos na idade em que tinha o primeiro filho, diminuimos nas listas nominativas a idade da mãe menos a idade do filho mais velho, a disparidade nas casas dos meses sempre estão presentes obviamente. Continuamos a encontrar aqui médias muito baixas agora em todas as aldeias, excetuando-se Peruíbe e Pinheiros. Nesse sentido, vemos uma situação em que o que parece valer para Itapecerica, ou seja, médias baixas de idade de casamento e idade em que tem o primeiro filho parece ser um quadro generalizado para as demais quatro aldeias: Itaquaquetuba, Escada, Embu e Barueri.

### **Considerações finais**

Mais uma vez, os dados relativos à idade em que as mulheres tinham o primeiro filho nos ajudam a entender como o momento do casamento era encarado pelos aldeados, nas aldeias em que analisamos. Sabemos que os domicílios são prioritariamente de casais com filhos ou se agregam mais indivíduos com avós, tios, primos, irmãos, dentre outros. Isso vai nos permitir ver melhor as solidariedades internas nas aldeias, tendo em vista, essa descoberta principal nossa até agora: casais procuram sair dos domicílios dos pais se estabelecendo separadamente logo após o casamento. São os dados referentes à idade em que as mulheres têm o primeiro filho, que colaboram para afirmar essa tese na maioria dos casos apresentados. A análise dos domicílios, nesse sentido, surge como um elemento a mais para destrinchar as

Os aldeamentos indígenas em São Paulo e o casamento: análise de dados reprodutivos (1732-1830)

| Márcio Marchioro

concepções de casamento entre os índios e as mudanças na estrutura social causadas por elas.

Interligados, os dois primeiros subitens artigo, desse modo, servem para nos apontar alguns elementos a serem investigados mais a fundo. O primeiro está relacionado à preferência de casamento em idade mais tenras, principalmente, entre as mulheres, mas os homens também, quando comparados com a sociedade colonial circundante, casavam cedo. Itapecerica, analisada, aqui, mais detalhadamente neste subitem de nº. 2, revela-se uma aldeia onde os homens têm a chance de casarem cedo e, além disso, quando sobrevivem ao “moedor de carnes” do sertão, podem, ainda, pleitear casamentos com mulher bem mais jovens disponíveis graças a grande mortalidade de homens. As mulheres têm uma tendência de ficarem viúvas mais cedo e cuidarem de suas proles sozinhas em Itapecerica.

Recebido em: 10/04/2017  
Aprovado em: 06/08/2017